

PROBLEMAS DE SAÚDE REFERIDOS POR ENFERMEIROS ATUANTES EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Cleane Rosa Ribeiro da Silva (1); Cláudia Jeane Lopes Pimenta (2); Hannah Karolyne Vieira de Lucena (3); Thaise Alves Bezerra (4); Kátia Nêyla de Freitas Macedo Costa (5)

- (1) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cleane_rosas@hotmail.com
(2) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), claudinhajeane8@hotmail.com
(3) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), B, karol.lucena@gmail.com
(4) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), thaise_gba@hotmail.com
(5) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), katianeyla@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho se configura como um elemento essencial para a vida em sociedade, contudo, pode desencadear o adoecimento do profissional, sobretudo quando realizado em um ambiente que gera alta carga de estresse e desgaste físico e mental, como a Unidade de Terapia Intensiva. Assim, os profissionais de saúde que atuam neste setor apresentam um alto risco de adoecimento, apresentando, comumente, uma taxa morbidade. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo analisar os problemas de saúde referidos por enfermeiros atuantes em Unidade de Terapia Intensiva. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa, realizado com 16 enfermeiros atuantes na Unidade de Terapia Intensiva Geral do Hospital Universitário Lauro Wanderley. Os dados foram coletados entre outubro e novembro de 2017, mediante a utilização de um instrumento estruturado. Foi observada uma alta prevalência de problemas de saúde entre os profissionais, com consequente utilização diária de medicamentos. Esses resultados remetem para o adoecimento do profissional de enfermagem, o qual busca prestar uma assistência de qualidade aos pacientes críticos, e muitas vezes, negligencia o seu próprio autocuidado.

Palavras-chave: Enfermagem, Saúde do Trabalhador, Processo Saúde-Doença.

INTRODUÇÃO

O trabalho ao longo da história é tratado como elemento criador de sentidos e de valores para o ser humano e pode ser considerado elemento constituinte da necessidade humana, do saber aprender de cada indivíduo e da integração social. Além de proporcionar ao indivíduo seu sustento material, o trabalho assume uma função psíquica na estrutura de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Por essa razão, a relação do homem com o trabalho torna-se um componente relevante dos processos de identidade e subjetividade (BARROS; HONORIO, 2014).

O contexto laboral do homem é considerado um relevante elemento do sistema social humano, que pode proporcionar sentimentos de prazer pelo desempenho das atividades ou gerar sofrimento para o trabalhador, refletindo negativamente em sua saúde (MACHADO et al., 2014). Nesse sentido, o trabalho de enfermagem pode ocasionar o desenvolvimento de problemas de

saúde, principalmente entre os profissionais que atuam em setores críticos, como a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) (GUIMARÃES; FELLI, 2016).

A UTI é um setor em que os profissionais de saúde, sobretudo os enfermeiros, estão expostos à diversas situações que podem provocar desgastes no trabalhador, tais como o ritmo acelerado, uma maior demanda de esforço físico e mental para a prestação de cuidados ao paciente crítico, a sobrecarga de trabalho, a necessidade de rapidez e agilidade de raciocínio para a tomada de decisão, entre outros (AZEVEDO; NERY; CARDOSO, 2017).

Estudos apontam que os profissionais de enfermagem são mais susceptíveis ao adoecimento por causas relacionadas ao trabalho, em decorrência de sua exposição às cargas biológicas, químicas, físicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas, resultantes da prestação de cuidados ao paciente (MACHADO et al., 2014; FELLI et al., 2015; GUIMARÃES; FELLI, 2016). Além disso, as condições de trabalho atuais geram um desgaste intenso no profissional, provocando, em muitos casos, vivências de sofrimento e insatisfação com a atividade laboral desempenhada (GOULART et al., 2015).

Diante disso, torna-se relevante investigar a ocorrência de problemas de saúde nos enfermeiros que atuam na UTI, haja vista que o adoecimento deste profissional, causa prejuízos tanto para o indivíduo, quanto para a qualidade da assistência prestada, interferindo direta e indiretamente na segurança do paciente e na efetividade das práticas terapêuticas (GUIRARDELLO, 2017). Assim, o presente estudo tem por objetivo analisar os problemas de saúde referidos por enfermeiros atuantes em UTI.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa. Em uma pesquisa de natureza descritiva tem-se como principal objetivo a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno estudado, ou ainda, o estabelecimento de uma relação entre as variáveis, o que permite a exatidão dos resultados, impedindo a existência de interferências durante a sua análise e interpretação (GIL, 2010). Ademais, o estudo exploratório possibilita a familiarização do pesquisador com fenômenos relativamente desconhecidos (GIL, 2010; MARKONI; LAKATOS, 2010).

A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2017 no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), localizado no município de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Este serviço de saúde se apresenta como um

hospital-escola da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), fundado em 1980, o qual possui 220 leitos, 80 consultórios médicos e um quadro de aproximadamente 1.100 servidores, além da capacidade de realização mensal de 20 mil atendimentos, 250 cirurgias, 50 mil exames e 700 internações (EBSERH, 2017).

Participaram deste estudo 16 enfermeiros de uma base populacional de 19 profissionais atuantes na Unidade de Terapia Intensiva Geral do HULW. A amostra foi selecionada de forma não probabilística. Foram definidos como critérios de inclusão: possuir vínculo empregatício ativo com o HULW e estar exercendo atividade profissional de enfermeiro no setor de UTI Geral há pelo menos seis meses. Após a aplicação de tais critérios, foram excluídos 3 participantes, sendo dois por apresentar-se em período de férias e um por estar afastado em decorrência de licença maternidade durante o período de coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais, utilizando um instrumento estruturado contendo questões sobre as características sociodemográficas, as queixas de problemas de saúde e a utilização diária de medicamentos. Inicialmente ocorreu o contato com os enfermeiros no HULW, durante os períodos de intervalo dos plantões ou na entrada e saída dos profissionais, a fim prestar orientações sobre os objetivos da pesquisa, solicitar a participação destes no estudo e agendar o encontro para o preenchimento dos instrumentos autoaplicáveis, respeitando a disponibilidade individual de cada um.

Os dados foram armazenados em planilha eletrônica estruturada no Programa *Microsoft Excel* com dupla digitação, visando garantir a confiabilidade na compilação dos dados. Em seguida, foram organizados, codificados, importados e processados pelo aplicativo *Statistical Package for the Social Science (SPSS) for Windows*, versão 22.0, sendo analisados por meio de estatística descritiva.

O estudo foi desenvolvido de acordo com o preconizado pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley/Universidade Federal da Paraíba sob parecer nº 2.259.018. Os participantes foram devidamente esclarecidos sobre a justificativa da pesquisa, sua finalidade, riscos e benefícios, procedimentos a serem realizados, garantia de sigilo e confidencialidade das informações prestadas e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi observada uma maior prevalência de mulheres (68,8%), com idade entre 30 e 39 anos (43,8%), casadas ou com união estável (81,3%) e que possuem renda pessoal entre R\$ 5.000 e R\$ 7.999 (75,0%), conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos dados referentes à caracterização sociodemográfica dos enfermeiros. João Pessoa – PB, Brasil, 2017.

Variáveis	n	%
Sexo		
Masculino	5	31,3
Feminino	11	68,8
Faixa etária		
20 – 29 anos	2	12,5
30 – 39 anos	7	43,8
40 – 49 anos	6	37,5
50 – 59 anos	1	6,3
60 anos e mais		
Estado civil		
Solteiro	1	6,3
Casado ou união estável	13	81,3
Divorciado	2	12,5
Viúvo	-	-
Renda Pessoal		
Entre R\$ 5.000 e R\$ 7.999	12	75,0
Entre R\$ 8.000 e R\$ 10.000	3	18,8
Acima de R\$ 10.000	1	6,3
Total	16	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A prevalência de profissionais do sexo feminino, o que corrobora com os dados da pesquisa sobre o perfil da enfermagem no Brasil, em que se tem um maior número de mulheres exercendo a profissão (COFEN, 2013). O processo de feminização da enfermagem está associado a estereótipos e representações sexistas instaurados na sociedade desde o período antes de Cristo, haja vista que, culturalmente,

o cuidado das pessoas era atribuído às mulheres, por ser compreendido como uma ação doméstica (ELIAS; SOUZA; VIEIRA, 2014; ALMEIDA et al., 2016).

A predominância do sexo feminino na enfermagem, talvez se justifique também pela organização flexível de horários, o que possibilita a concomitância com trabalho em casa. Também é possível relacionar a enfermagem com o crescimento social dessas mulheres, já que o trabalho se torna para esse grupo uma fonte de renda e um elemento importante na relação com o mundo e vida tanto pessoal quanto profissional (FERNANDES et al., 2013).

A faixa etária entre 30 e 49 anos remete para a presença de profissionais mais experientes e conseqüentemente, mais seguros para a realização das práticas assistenciais de enfermagem (LANZONI et al., 2015). Dados semelhantes foram evidenciados por estudo realizado em quatro UTIs do município de São Paulo – SP, em que se evidenciou uma média de idade de 32,9 anos entre os enfermeiros (BALSANELLI; CUNHA, 2015).

Em relação ao estado civil, a presença do cônjuge pode ser um importante fator para o enfrentamento das adversidades no ambiente de trabalho, uma vez que o companheiro pode oferecer apoio, segurança e estímulo para a prevenção de agravos à saúde (ANDOLHE et al., 2015). A renda pessoal dos participantes variou entre R\$ 5.000 e R\$ 7.999, o que corresponde ao salário base instituído pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), sendo a remuneração inicial do enfermeiro correspondente a R\$ 5.334,04 (EBSERH, 2014).

Mediante a análise da Tabela 2, evidencia-se que a maioria dos participantes apresenta uma doença ou problema de saúde (50,0%), sendo mais frequente as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (50,0%), os transtornos mentais e comportamentais (31,3%) e as doenças do aparelho digestivo (18,8).

Tabela 2. Distribuição dos dados referentes aos problemas de saúde apresentados pelos enfermeiros. João Pessoa – PB, Brasil, 2017.

Variáveis	n	%
Doença ou problema de saúde		
Nenhuma	2	12,5
1 doença ou problema de saúde	8	50,0
2 doenças ou problemas de saúde	4	25,0
3 ou mais doenças ou problemas de saúde	3	18,8
Condições de saúde*		

Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	8	50,0
Transtornos mentais e comportamentais	5	31,3
Doenças do aparelho digestivo	3	18,8
Doenças do aparelho circulatório	2	12,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Sobre os problemas de saúde, os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, compreendem um vasto grupo de situações clínicas que incluem, entre outras, as enfermidades dos tendões no nível das inserções ósseas, das zonas endoluminais das bainhas tendinosas ou na região miotendinosa, nas bainhas sinoviais, assim como as enfermidades no nível dos nervos, nos seus diversos trajetos e também a nível articular (SERRANHEIRA, SOUSA-UVA1, SOUSA-UVA, 2012).

As doenças do sistema osteomuscular estão relacionadas diretamente às características do trabalho de enfermagem, uma vez que tais profissionais permanecem longos períodos em pé, sem andar ou sentar-se durante o turno de trabalho, o que provoca o desenvolvimento de dores nos pés, inchaço, varizes, fadiga muscular, entre outros (GUIMARÃES; FELLI, 2016; WATERS; DICK, 2015).

A nível hospitalar, em especial na UTI, os enfermeiros estão diariamente expostos a vários fatores de risco no decorrer das suas atividades de trabalho que podem contribuir para o desenvolvimento desses distúrbios osteomusculares, entre os quais se destacam, no decorrer da prestação direta de cuidados a doentes acamados, a sua mobilização durante a realização da higiene, realização de curativos, o seu levantamento e transferência (SERRANHEIRA, SOUSA-UVA1, SOUSA-UVA, 2012).

Dificuldades no setor da saúde, tarefas peculiares dos profissionais e escassez de recursos humanos são condições de trabalho vividas pelos profissionais de saúde, que contribuem para o desenvolvimento de problemas osteomusculares e articulares, o que pode ser em algumas situações responsáveis por uma porcentagem significativa da queda do desempenho no trabalho, sendo a sua identificação fator determinante para contribuir no desenvolvimento de estratégias de prevenção e tratamentos de saúde (SILVA et al., 2014).

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013) referem que no ano de 2015 os problemas osteomusculares e articulares foram as maiores causas de gastos com a saúde entre os trabalhadores, sendo caracterizados com um dos principais motivos para o absentismo

laboral e a invalidez permanente, tornando-se assim, uma pauta de discussão urgente.

Também foi identificado um elevado número de enfermeiros que possuem transtornos mentais e comportamentais, algo que poderia estar associado ao trabalho na UTI, visto que o ambiente no qual o profissional está inserido é marcado pelo manejo de situações de intensas e estressantes, convivendo constantemente com a dor, o sofrimento e a morte, o que gera um desgaste psíquico e interfere na saúde mental do trabalhador (MARQUES et al., 2015).

Em relação à utilização diária de medicamentos, a maior parte dos enfermeiros utiliza entre um e dois medicamentos (43,8%), dentre os quais destacam-se os analgésicos e antiinflamatórios (56,3% para ambos), segundo expresso na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição dos dados referentes à utilização diária de medicamentos pelos enfermeiros. João Pessoa – PB, Brasil, 2017.

Variáveis	n	%
Número de medicamentos/dia		
Nenhum	6	37,5
Entre 1 e 2 medicamentos	7	43,8
Entre 3 e 4 medicamentos	3	18,8
Classe medicamentosa*		
Analgésicos	9	56,3
Antiinflamatórios	9	56,3
Medicamentos que atuam no sistema digestivo	4	25,0
Medicamentos que atuam no sistema nervoso central e periférico	3	18,8
Medicamentos que atuam no sistema cardiovascular	2	12,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A maior parte dos entrevistados referiu utilizar entre um e dois medicamentos diariamente, sendo os analgésicos e antiinflamatórios mais utilizados por esta população. Esse achado relaciona-se à acentuada prevalência de doenças osteomusculares, em que, para o alívio da dor, os profissionais fazem uso dessas classes medicamentosas, muitas vezes sem o acompanhamento médico (WANG et al., 2015). A automedicação é bastante comum entre os profissionais de saúde, tornando-se uma prática preocupante e bastante perigosa, pois mascara a presença de sintomas de agravos à saúde que deveriam ser melhor investigados e tratados adequadamente (GUIMARÃES; FELLI, 2016)

Diante disso, percebe-se a influência que o ambiente de trabalho pode exercer sobre a vida e sobre as práticas laborativas do enfermeiro que atua na UTI, sendo necessário o desenvolvimento de ações e estratégias que permitam combater ou reduzir a ocorrência de agravos à saúde do trabalhador, com foco no planejamento e implementação de medidas preventivas (MARQUES et al., 2015).

CONCLUSÕES

Neste estudo foi observada uma alta prevalência de problemas de saúde entre os profissionais atuantes na UTI, com consequente utilização de medicamentos sem o acompanhamento médico. Esses resultados remetem para o adoecimento do profissional de enfermagem, o qual busca prestar uma assistência de qualidade aos pacientes críticos, e muitas vezes, negligencia o seu próprio autocuidado.

Assim, torna-se imprescindível a discussão das implicações ético-profissionais que tais agravos podem proporcionar para o desempenho das atividades laborais dos enfermeiros. Além disso, é mister que as instituições hospitalares realizem o acompanhamento periódico da saúde dos trabalhadores de enfermagem, adotando políticas e ações que visem assegurar a promoção à saúde e prevenção de agravos ocupacionais, garantindo, desta forma, a qualidade da assistência prestada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. et al. Sexist stereotypes in portuguese nursing: a historical study in the period 1935 to 1974. **Esc Anna Nery**. v. 20, n. 2, p. 228-35, 2016.

ANDOLHE; R. et al. Stress, coping and burnout among Intensive Care Unit nursing staff: associated factors. **Rev Esc Enferm USP**. v. 49, n. Esp, p. 58-64, 2015.

AZEVEDO, B. D. S.; NERY, A. A.; CARDOSO, J. P. Ocupacional stress and dissatisfaction with quality of work life in nursing. **Texto Contexto Enferm**. v. 26, n. 1, p. e3940015, 2017.

BALSANELLI, A. P.; CUNHA, I. C. K. O. Nursing leadership in intensive care units and its relationship to the work environment. **Rev Latino-Am Enferm**. v. 23, n. 1, p. 106-13, 2015.

BARROS, N.M.G.; HONÓRIO, L.C. Riscos de adoecimento no trabalho de médicos e enfermeiros em um hospital regional Mato-Grossense. **REGE**. v.22, n.1. p. 21-39, 2015.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Fundação Oswaldo Cruz. **Perfil da enfermagem no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

EBSERH. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. **Plano de cargos, carreiras e salários**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://ebserh.gov.br/documents/16692/149422/Plano_de_Cargos_Carreiras_e_Salarios_EBSERH_04122014_Subst.pdf/23e44393-7156-4a2c-aa93-a89f4dbbb9fe>. Acesso em: 10 nov 2017.

EBSERH. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Hospital Universitário Lauro Wanderley. Universidade Federal da Paraíba. **Nossa História**. Disponível em: <<http://www.ebserh.gov.br/web/hulw-ufpb/nossa-historia>>. Acesso em: 12 nov 2017.

ELIAS, E. A.; SOUZA, I. E. O.; VIEIRA, L. B. Meanings of themselves-care of nursing professional women in a emergency unit. **Esc Anna Nery**. v. 18, n. 3, p. 415-20, 2014.

FELLI, V. E. A. et al. Exposure of nursing workers to workloads and their consequences. **Rev Esc Enferm USP**. v. 49, n. Esp 2, p. 98-105, 2015.

FERNANDES, J.C. et al. Jornada de trabalho e comportamentos de saúde entre enfermeiros de hospitais públicos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v.21,n.5, p.8 telas, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULART, B. F. et al. Teamwork in a Coronary Care Unit: facilitating and hindering aspects. **Rev Esc Enferm USP**. v. 50, n. 3, p. 482-9, 2016.

GUIMARÃES, A. L. O.; FELLI, V. E. A. Notifications of health problems among nursing workers in university hospitals. **Rev Bras Enferm**. v. 69, n. 3, p. 507-14, 2016.

GUIRARDELLO, E. B. Impacto f critical care environment on burnout, perceived quality of care safety attitude of the nursing team. **Rev Latino-Am Enferm**. v. 25, n. e2884, 2017.

LANZONI, G. M. M. et al. Actions/interactions motivating nursing leadership in the contexto of primary health care. **Texto Contexto Enferm**. v. 24, n. 4, p. 1121-9, 2015.

MACHADO, L. S. F. et al. Health problems reported by nirsing workers in a public hospital of Bahia. **Rev Bras Enferm**. v. 67, n. 5, p. 684-91, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, D. O. et al. Absenteeism – illness of the nursing staff of a university hospital. **Rev Bras Enferm**. v. 68, n. 5, p. 876-82, 2015. 2000/2010. 2013. Disponível em: <<http://bjdonline.org/>>. Acesso em: 12 nov 2017.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Década do Osso e da Articulação**: movimento articular,

SILVA, C.B.S. et al. Sintomas osteomusculares em fisioterapeutas e enfermeiros no ambiente hospitalar. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**. v.4 , n.3, p. 173-182, 2014.

SERRANHEIRA, F.; SOUSA-UVA, M.; SOUSA-UVA. Lombalgias e trabalho hospitalar em enfermeiro(a)s. **Rev Bras Med Trab**. v. 10, n.2, p. 80-87, 2012.

WANG, Y. et al. The prevalence of primary headache disorders and their associated factors among nursing staff in North China. **J Headache Pain**. v. 13, n. 16, p. 4, 2015.

WATERS, T. R.; DICK R. B. Evidence of health risks associated with prolonged standing at work and intervention effectiveness. **Rehabil Nurs**. v. 40, n. 3, p. 148-65, 2015.